

Mortes acontecem na 1ª hora

O trânsito é o principal responsável pelos acidentes no estado do Rio de Janeiro, segundo o resultado da pesquisa Gerp/JB. Entre os fluminenses que já sofreram algum acidente — 7% dos entrevistados — 17% foram vítimas de um acidente de carro. O trânsito também causou o segundo tipo de acidente mais comum, atropelamento, que atingiu 13% dos entrevistados. Acidentes como fraturas e tombos também foram frequentes e 9% da população fluminense quebrou o braço.

As estatísticas confirmam os números do Corpo de Bombeiros, órgão responsável pelo atendimento de acidentados no Estado do Rio. “Cerca de 50% dos nossos atendimentos são acidentes com veículos, como batidas de carro, atropelamentos e acidentes com motos. Em 1996, foram 25 mil atendimentos”, conta o diretor do Grupo de Socorro de Emergência (GSE) do Corpo de Bombeiros, o tenente-coronel Luiz Maurício Plotkowski.

O diretor da GSE conta que o tempo de chegada ao local do acidente do Corpo de Bombeiros é de 12 minutos, maior do que o tempo padrão, que varia entre 8 e 10 minutos. “Nosso tempo piorou por causa do mal acionamento do socorro. Muitas pessoas ligam para pedir atendimento para pessoas que estão doentes”, conta.

“Metade das pessoas que sofrem um acidente de trânsito morrem na primeira hora. Por isso, quanto mais rápido ela for atendida, mais chance tem de sobreviver”, diz Luiz Maurício.

As áreas do corpo mais atingidas em um acidente de carro são o tronco e a cabeça. O uso do cinto de segurança pode ajudar a diminuir o impacto nesses casos, já que sem essa proteção geralmente a pessoa é jogada para fora do carro, aumentando em 25% os riscos de morte. “As pessoas que andam no banco de trás também

Sofreu algum acidente nos últimos seis meses?

7% da população fluminense sofreram algum acidente nos últimos seis meses, ou

932.150

pessoas segundo esta estimativa

Que tipo de acidente?

Acidente de carro	17%
Foi atropelado	13%
Quebrou o braço	9%
Tombo/caiu	7%
Torceu o joelho	5%
Quebrou a perna	5%
Quebrou/torceu o pé ou tornozelo	5%
Acidente de moto	3%
Levou um tiro	3%
Quebrou o dedo	3%
Não sabe/não respondeu	6%
Outros	15%

devem colocar o cinto”, adverte o tenente-coronel.

O casal de advogados Blanche e Paulo Bitencourt, 38 anos, não usava cinto de segurança quando sofreu um acidente de carro, no último dia 10. Eles estavam no banco de trás de um táxi indo para o Centro da cidade às 7h05, quando bateram de frente com um Voyage, na saída do Túnel Novo, em Copacabana.

“Entre 7h e 10h o trânsito é invertido nesse local, mas o carro veio na contramão e batemos de frente”, lembra Paulo, que teve um corte no braço. Apesar de não ter voado para fora do carro, Blanche se machucou bastante.

“Quebrei a mandíbula e o ombro. Vou ter que ficar seis semanas imobilizada”, lamenta a advogada.

Acidentes com motos também fizeram um grande número de vítimas entre os entrevistados. Três por cento dos fluminenses sofreram acidente de moto nos últimos seis meses de 1996. O vendedor de instrumentos musicais Francisco Carlos Almeida Nunes, de 35 anos, foi um deles. No espaço de um ano, ele sofreu dois acidentes de trânsito, um de moto e um de carro.

Há duas semanas, Francisco Carlos andava na garupa da moto de um amigo que foi atingida por um ônibus. As lesões, muito mais graves, foram na perna esquerda, que teve três fraturas. Francisco está cheio de pinos, mas agradece a Deus pela sorte de não o acidente não ter sido pior. Ele estava sem capacete, mas não machucou a cabeça. “Só sei que um ônibus passou perto da gente e acordei no hospital”, conta o vendedor.

Francisco Carlos ficou internado no hospital municipal Miguel Couto, no Leblon, Zona Sul do Rio, que, ao lado do Souza Aguiar, no Centro, é o mais capacitado para atendimentos de emergência. As causas externas — acidentes de carro, atropelamentos, tiros e outras — são responsáveis por 18% dos internamentos no Miguel Couto. “Depois dos problemas cardiocirculatórios, as causas externas são os casos mais frequentes da emergência”, diz o diretor do hospital, o patologista Edson Paixão.

Os casos mais preocupantes nesse atendimento são os das pessoas idosas, que quase sempre têm que ficar internadas. Seu Waldir Pinheiro Alves, de 80 anos, é um exemplo. Na semana passada, ele caiu do telhado de sua casa e passou a fazer parte dos fluminenses que já quebraram o braço (9%) e a perna (5%).